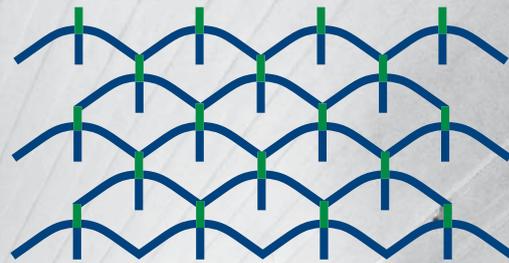


MUSEUS & MUSEOLOGIA



DESAFIOS DE UM CAMPO
INTERDISCIPLINAR

MONIQUE BATISTA MAGALDI
CLOVIS CARVALHO BRITTO
Organizadores



Nos últimos anos ocorreram transformações na configuração dos cursos de Museologia no Brasil. Até 2003, existiam em atividade dois cursos de graduação em Museologia no país, o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o da Universidade Federal da Bahia. Após essa data foram criados doze cursos nas cinco regiões do país, incluindo o da Universidade de Brasília em 2008. Também tem crescido o número de cursos de pós-graduação, publicações e eventos em Museologia. Essas transformações contribuem para reforçar as estratégias de vigilância comemorativa – instituindo marcos fundacionais, mitos de criação e ritos de passagem através de agentes, agenciamentos e obras – e, conseqüentemente, de fabricação de legados por meio de “explosões discursivas” em um campo interdisciplinar.

Na verdade, é importante problematizar a multiplicidade de conceitos em torno da interdisciplinaridade. Na maioria das vezes ela é analisada de modo unívoco, tendo como referência sua etimologia ou suas diferenciações com o multi e o transdisciplinar. Não é sem razão que existem diferentes “tradições” que a investigam sob as perspectivas epistemológica, instrumental e fenomenológica. Por isso é fundamental também compreendê-la como uma construção permeada por intencionalidades. No caso da Museologia como campo interdisciplinar privilegiado trata-se de visualizá-la como fruto de táticas de vigilância comemorativa e de fabricação de legados, projeto no qual este livro e seus autores estão inseridos.

Esta publicação celebra os dez anos da aprovação do curso de Museologia no Conselho Universitário da Universidade de Brasília e assume uma vocação metalinguística ao se tornar uma memória de itinerários de pesquisa sobre a memória. Os textos aqui reunidos contribuem, de certo modo, para a história da emergência de alguns problemas centrais no campo dos museus e da Museologia, explicitando possibilidades de pesquisa. O intuito foi mapear distintos itinerários de investigação, apontando estratégias, conquistas e rupturas em um momento de profundas redefinições nos repertórios da memória.



Fotografia: Monique Magaldi
Museu Nacional/UFRJ, 2011

Realização:



Apoio:



MONIQUE BATISTA MAGALDI

CLOVIS CARVALHO BRITTO

Organizadores

MUSEUS & MUSEOLOGIA:

DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Brasília

UNB – CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018

Comitê Editorial

Dra. Ana Albani – Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes – Universidade de Brasília;
Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers – Universidade de Goiás;
Dra. Júlia Nolasco Leitão Moraes – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;
Dra. Joseania Miranda Freitas – Universidade Federal da Bahia;
Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha – Universidade Federal da Bahia;
Dra. Maria Margaret Lopes – Universidade de Brasília;
Dra. Marize Malta – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Dom João VI
Dra. Zita Rosane Possamai – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Projeto Gráfico

Maíra Zannon | Ilha Design

Fotografia de Capa

Monique Magaldi

M986 Museu & museologia : desafios de um campo interdisciplinar /
 Monique B. Magaldi, Clóvis Carvalho Britto, organizadores. –
 Brasília : FCI-UnB, 2018.
 186 p. : il.; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88130-51-7

1. Museologia. 2. Museu. 3. Pesquisa. I. Magaldi, Monique B.
(org.). II. Britto, Clóvis Carvalho (org.).

CDU 069

SUMÁRIO

A MUSEOLOGIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO: VIGILÂNCIA COMEMORATIVA E FABRICAÇÃO DE LEGADOS.....	9
MONIQUE BATISTA MAGALDI CLOVIS CARVALHO BRITTO	
10 ANOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	15
MONIQUE BATISTA MAGALDI	
PESQUISA EM MUSEUS E PESQUISA EM MUSEOLOGIA: DESAFIOS POLÍTICOS DO PRESENTE.....	19
BRUNO BRULON	
“SERVE PARA O DESUSO PESSOAL DE CADA UM”: NOTAS SOBRE A PESQUISA E O INDIZÍVEL NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA.....	37
CLOVIS CARVALHO BRITTO	
OS MUSEUS E OS PRIMÓRDIOS DA MUSEOLOGIA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX.....	61
ANDREA FERNANDES CONSIDERA	
A CULTURA DO PATRIMÔNIO NA BAHIA: PESQUISAS EM ANDAMENTO (1835-1970).....	73
SUELY MORAES CERÁVOLO	
A COLEÇÃO ABELARDO RODRIGUES E OS OBJETOS RELIGIOSOS COMO OBRAS DE ARTE EM MUSEUS.....	83
EMERSON DIONÍSIO GOMES OLIVEIRA	

O TRAJE DE OYÁ IGBALÉ: PRESSUPOSTOS PARA A PESQUISA EM ARTE A PARTIR DA INDUMENTÁRIA DE CANDOMBLÉ MUSEALIZADA.....	99
MARIJARA SOUZA QUEIROZ	
MUSEU ANTROPOLÓGICO E BACHARELADO EM MUSEOLOGIA DA UFG: DINÂMICAS DE ATUAÇÃO CONJUNTA E INTERDISCIPLINAR.....	117
MANUELINA MARIA DUARTE CÂNDIDO NEI CLARA DE LIMA	
CIBERMUSEOLOGIA E MUSEOLOGIA VIRTUAL: AS DIFERENTES DEFINIÇÕES DE MUSEUS ELETRÔNICOS E SUA RELAÇÃO COM O VIRTUAL.....	135
MONIQUE BATISTA MAGALDI BRUNO BRULON MARCELA MARIA FREIRE SANCHES	
MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO EXERCÍCIO DE CIDADANIA.....	157
SILMARA KUSTER DE PAULA CARVALHO	
GALERIA DE FOTOS DO I ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR.....	177



MUSEU ANTROPOLÓGICO E BACHARELADO EM MUSEOLOGIA DA UFG: DINÂMICAS DE ATUAÇÃO CONJUNTA E INTERDISCIPLINAR

Manuelina Maria Duarte Cândido¹
Nei Clara de Lima²

Resumo: Este artigo apresenta um breve histórico das dinâmicas de atuação conjunta entre o Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás e o Curso de Bacharelado em Museologia implantado nessa Universidade em 2010. Por meio dele não só procuramos deixar um registro dessas memórias, como analisar as potencialidades de parcerias entre museus universitários e a formação no campo da Museologia.

-
- 1 Manuelina Maria Duarte Cândido é Professora Adjunta II do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás, do qual no momento encontra-se em licença por ter assumido o cargo de Professora de Museologia na Universidade de Liège, na Bélgica. Continua atuando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFG). Licenciada em História (Universidade Estadual do Ceará, 1997), Especialista em Museologia e Mestre em Arqueologia (Universidade de São Paulo, 2000 e 2004), Doutora em Museologia (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012). Realizou em 2014/15 estágio pós-doutoral em Museologia na Universidade Paris III – Sorbonne Nouvelle. Foi Diretora do Departamento de Processos Museais do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e do Museu da Imagem e do Som do Ceará. Coordenou o Núcleo de Ação Educativa do Centro Cultural Sulo. Atualmente coordena a rede de museus de ciência e tecnologia Embarcadère du Savoir. É autora de diversos livros e artigos em suas áreas de investigação.
 - 2 Nei Clara de Lima é doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e professora aposentada da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Realizou pesquisas nas áreas de cultura popular, religiosidade popular, e oralidade e patrimônio cultural. Dirigiu o Museu Antropológico da UFG de 2006 a 2013 e foi co-curadora da exposição de longa duração *Lavras e Louvores* do mesmo museu. Participou da pesquisa *Sistematização da Documentação do Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Goiás*; coordenou a primeira fase da pesquisa *Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia*, que subsidiou a concessão do registro das bonecas como patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); coordenou o *Inventário das Referências Culturais Imateriais da Cidade de Goiás e entorno* (IPHAN Goiás); coordenou a pesquisa de registro da *Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade-GO* (IPHAN), reconhecida como patrimônio cultural do Brasil em 2016. Acaba de finalizar, como co-coordenadora, o projeto *Bonecas de cerâmica karajá como patrimônio cultural do Brasil: contribuições para sua salvaguarda*, que integra as ações de salvaguarda das bonecas Karajá, em convênio do Museu Antropológico da UFG com o Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN.



Palavras-chave: Museologia. Museu Antropológico. Formação. Estágio.

Apresentaremos aqui a trajetória do Museu Antropológico, com destaque para sua participação na criação do curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG) e para a dinâmica da atuação conjunta entre este museu universitário e o curso de bacharelado em Museologia.

O Museu Antropológico foi criado por iniciativa de grupo de professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, em 1969. Hoje ele é um órgão suplementar da UFG, ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI).

De acordo com o sítio do museu, seu objetivo é “apoiar e desenvolver a pesquisa antropológica interdisciplinar, da qual se origina o acervo nele existente e a sua organização, focalizando o estudo do modo de vida do homem na Região Centro-Oeste. Desse objetivo decorrem ações de inventário, documentação, conservação, segurança, preservação, divulgação do conhecimento científico e comunicação de seu acervo a partir de recursos expográficos e de ações educativo-culturais.”

Fig. 1 – Fachada do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás



Fotografia: Ascom UFG



O núcleo original do acervo foi a doação de coleções de objetos indígenas pertencentes ao sertanista e advogado Acary de Passos Oliveira que, a partir de 1969, passou a integrar o grupo fundador do Museu, tornando-se o seu primeiro diretor, a partir de 1970. Em 1982, a professora Edna Luisa de Melo Taveira, assumiu a direção do Museu, na qual permaneceu por 16 anos. Nos ciclos seguintes, a direção do museu foi ocupada pelo etnólogo Marco Antônio Lazarin (uma gestão), pela arqueóloga Dilamar Cândida Martins (duas gestões, incluindo a atual), e pela antropóloga Nei Clara de Lima (duas gestões), todos professores e ex-professores da Faculdade de Ciências Sociais da UFG.

Na década de 1970, o Museu realizou diversas expedições a aldeias indígenas, especialmente nos Estados do Mato Grosso, Goiás e atual Tocantins, e a grupos tradicionais, como tecelãs e outros artesãos, que resultaram no incremento da coleção inicial. Também nessa década, teve início a pesquisa arqueológica, desenvolvida inicialmente por meio de convênio com o Museu Paulista da Universidade de São Paulo. As pesquisas antropológicas e arqueológicas geraram importantes publicações, como o livro *Etnografia da Cesta Karajá*, de autoria de Edna Luisa de Melo Taveira, de 1982. O Museu se destaca por, já na década de 1980 desenvolver processos colaborativos com grupos indígenas, por exemplo, na documentação de suas coleções. Também organizou, na mesma década, diferentes cursos de especialização em Antropologia e em Etnologia, além de um curso de especialização em Museologia no início dos anos 2000, aprofundando sua vocação para a formação nas diferentes áreas. Outras importantes facetas da pesquisa na instituição foram constituídas a partir da Linguística e da Educação Indígena, especialmente junto a professores *Karajá*, *Apinayé*, *Kraho* e *Terena*.

Em 1990, o acervo do Centro de Estudos da Cultura Popular (CECUP)³ foi transferido para o Museu Antropológico. As pesquisas realizadas nos seus dez anos de funcionamento, geraram diversas publicações e a formação de um importante acervo documental e audiovisual sobre cultura popular.

Em 1995 foi criado o Laboratório de Arqueologia (Labarq) que, com o incremento da legislação referente aos estudos de impacto ambiental, passou a se especializar na prospecção, identificação e salvaguarda do patrimônio arqueológico, gerando também diversas publicações e oficinas de educação patrimonial.

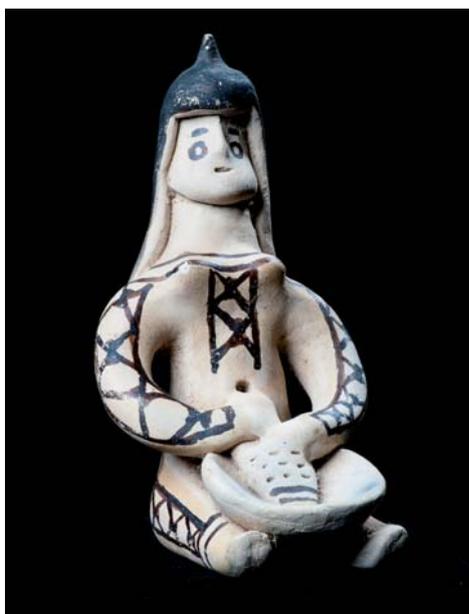
Em 2006 uma equipe interdisciplinar da UFG, capitaneada pelo Museu Antropológico, elaborou o projeto de pesquisa Sistematização da documentação

3 Esse núcleo de pesquisa, criado em 1980, era formado por professores de Letras, Ciências Sociais, Geografia, Comunicação Social e Pedagogia.



referente ao patrimônio cultural imaterial do Estado de Goiás, que foi submetido e aprovado em um edital público do IPHAN cujos recursos propiciaram a identificação de 582 referências patrimoniais intangíveis e as condições de conservação das fontes documentais. Como desdobramento desta pesquisa, em 2008, o Museu aprovou, também junto ao IPHAN, o projeto Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia com o objetivo de produzir a documentação etnográfica dos modos de fazer a boneca cerâmica para subsidiar o pedido de registro desse artefato Karajá como patrimônio cultural brasileiro, o que foi alcançado em 2012. Foi realizada então a inscrição da boneca Karajá como patrimônio cultural imaterial brasileiro em dois livros de registro: no livro I - dos Saberes, como Saberes e práticas associados aos modos de fazer bonecas Karajá, e no livro III - das Formas de Expressão como Ritxoko: expressão artística e cosmológica do povo Karajá. Trata-se do único bem cultural de natureza imaterial no Brasil inscrito simultaneamente em dois livros. O projeto Bonecas de Cerâmica Karajá como Patrimônio Cultural do Brasil: contribuições para sua salvaguarda está tendo continuidade atualmente com o desenvolvimento das ações previstas no Plano de Salvaguarda, incluindo, entre outras ações, oficinas de transmissão e troca de saberes na maioria das aldeias Karajá, distribuídas nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará. Resultaram ainda da pesquisa exposições, seminários e publicações.

Fig. 2 – Boneca Karajá



Fotografia: Markus Garscha

Museu Antropológico e formação

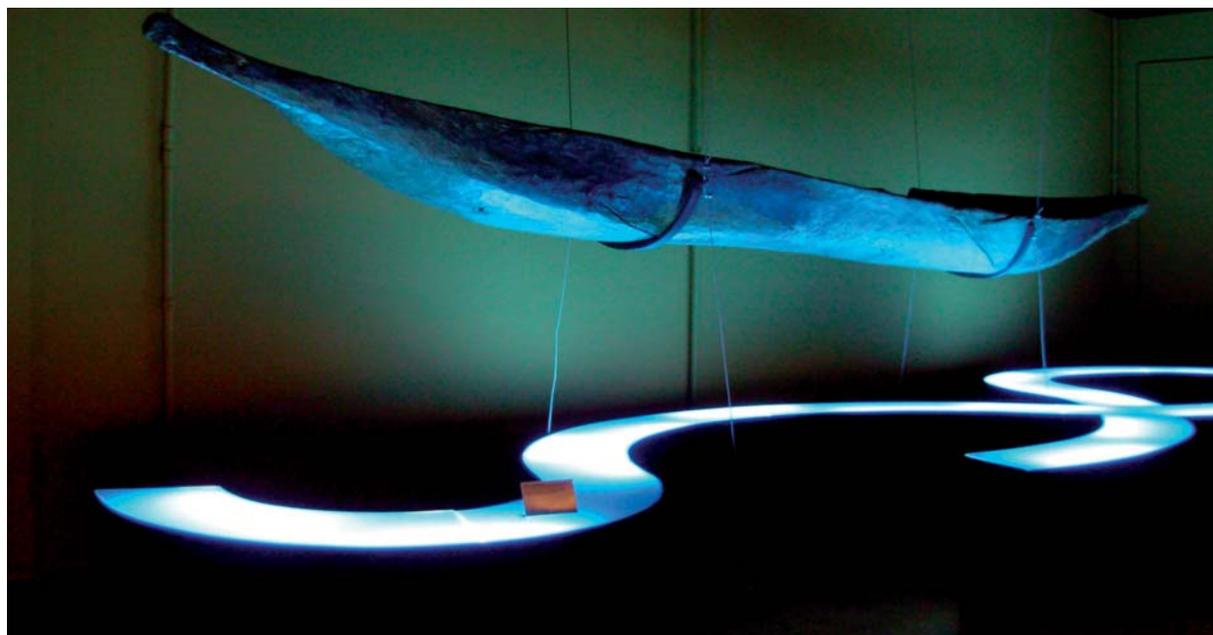
O papel do Museu foi fundamental no processo que levou à criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), em 2008, e do bacharelado em Museologia, em 2010, na Faculdade de Ciências Sociais da UFG, o que denota fundamental importância na consolidação da pesquisa antropológica e na formação em Museologia para a região. A instituição é um museu universitário sem configuração de unidade acadêmica, mas fortemente capaz de estimular e trabalhar conjuntamente com a Faculdade de Ciências Sociais em projetos como a implantação dos



cursos mencionados. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, hoje com mestrado e doutorado, tem raízes na realização da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em Goiânia, cuja candidatura começou a ser construída entre o 2º semestre de 2004 e o início de 2005, por meio de uma parceria entre a Universidade Católica de Goiás (UCG) e a Universidade Federal de Goiás (UFG). Essa reunião também tinha um forte caráter simbólico por comemorar os 50 anos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Reunidos os antropólogos da UFG para avaliação dessa candidatura – dado o grande investimento de trabalho exigido por um evento de tal porte – foi acordado que uma das realizações importantes para todos nós seria o apoio da ABA e o estabelecimento de redes nacionais e internacionais que dessem suporte ao projeto de criação do Mestrado em Antropologia que, à exceção da Universidade de Brasília (UnB), não existe em outra universidade da região Centro-Oeste.

O projeto de criação do PPGAS, privilegiou a construção da visibilidade da região Centro-Oeste do Brasil, algo fundamental também na concepção da Exposição de Longa Duração do Museu Antropológico, inaugurada em 2006, e intitulada *Lavras e Louvores*. Também desta RBA resultou a motivação para a criação da Licenciatura Intercultural Indígena na UFG.

Fig. 3 – Exposição de longa duração *Lavras e Louvores*



Fotografia: Marisa Damas



Ainda em 2006 o Museu Antropológico sediou o seminário nacional *Museus Universitários: potencialidades interdisciplinares e desenvolvimento*, apontando já para a criação de uma rede de museus da UFG, projeto agora em processo de consolidação por meio da criação de um Museu de Ciências da UFG que é, antes de tudo, uma rede construída em torno de unidades museológicas já existentes⁴. Além disso, com a realização do seminário, o Museu alçou um certo protagonismo em uma embrionária rede brasileira de museus universitários, participando também ativamente do *IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários*, realizado em julho de 2006 em Belo Horizonte.

O diagnóstico dos museus universitários em construção por meio dessas iniciativas motivou a UFG a apresentar como reflexões a constatação das seguintes recorrências em suas unidades: ausência/escassez de recursos financeiros e materiais, escassez de recursos humanos especializados e, em terceiro lugar, por ordem de importância, a falta de espaço físico adequado para as atividades museológicas e de infraestrutura tecnológica. A busca do equacionamento dessas fragilidades estaria mais tarde contemplada no projeto do Curso de Museologia, como veremos.

O Museu Antropológico sempre se colocou como um laboratório para os alunos da Universidade, em especial para aqueles oriundos dos cursos da área de Ciências Sociais e Humanas. Dessa forma, foi sendo construído um processo que redundou no acolhimento, pela Faculdade de Ciências Sociais, da proposta feita pelo Museu, de criação do Bacharelado em Museologia, que funcionaria como principal laboratório. Para os proponentes, a regularidade de formação de pessoal especializado seria um importante passo para a requalificação dos museus e centros culturais da região, o que seria possível a partir da criação do curso. Ressaltamos também que o Museu já oferecera um curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Museologia no início dos anos 2000, que foi ao seu término avaliado com a indicação de continuidade no modelo de Bacharelado.

Com as possibilidades advindas do Projeto de Reestruturação das Universidades Brasileiras (REUNI), Programa do Governo Federal que apoiava entre outras coisas a ampliação de vagas no ensino superior, o curso de Bacharelado em Museologia, projeto acalentado desde 2000, teve sua primeira turma em 2010. Desde o início,

4 Identificadas naquele momento como Museu Antropológico, Planetário, Unidade de Conservação (Reserva Biológica Prof. José Ângelo Rizzo, Herbário, Bosque Auguste Saint-Hilaire), Instituto de Ciências Biológicas (FAUNACO e o Museu de Morfologia), Galeria da Faculdade de Artes Visuais e o Centro de Informação e Documentação Arquivística.

os antropólogos compuseram a comissão de elaboração do Projeto Pedagógico do curso⁵, envolvendo a então diretora e um ex-diretor do Museu. O projeto do curso previa que as aulas seriam divididas entre os dois *campi* da UFG em Goiânia, sendo as aulas teóricas junto à Faculdade de Ciências Sociais no Campus II, e as práticas no Museu Antropológico, no Campus I, mesmo com o curso sendo ofertado à noite, fora do horário normal de funcionamento do Museu. Para reforçar a integração entre a Faculdade de Ciências Sociais, notadamente o curso de Museologia, e o Museu Antropológico, foi criada a Coordenação de Integração entre o Museu Antropológico e o Curso de Museologia, ocupada por um dos nove professores do curso⁶. A Coordenação tem atuado na mediação entre as duas instituições acompanhando a política de estágios (obrigatório e não obrigatório) do Museu com vistas à ampliação das vagas para estudantes de Museologia, na realização de projetos de pesquisa, assessorias e consultorias especializadas, oferta de oficinas e outras programações, notadamente na Primavera dos Museus e Semana Nacional de Museus, realização conjunta de exposições etc. Recentemente esta coordenação de integração entre o Museu e o curso passou a compor seu regimento interno, ao lado de suas coordenações de Antropologia, de Museologia e de Intercâmbio Cultural.

Fig. 4 – Alunos de Museologia em visita à exposição



Fotografia: Manuelina Duarte

- 5 Formada inicialmente por Nei Clara de Lima, Marco Antônio Lazarin e Maria Luiza Rodrigues Souza, a comissão passou a integrar também Manuelina Maria Duarte Cândido, professora do curso de Museologia, a partir de junho de 2009, que assumiu a primeira vaga do curso um semestre antes de seu início, exatamente com o objetivo de finalizar o projeto pedagógico e contribuir com a implantação do curso.
- 6 A Coordenação já teve como titulares, desde a sua criação, os professores Vânia Dolores Estevam de Oliveira, Glauber Guedes de Lima, Camila Azevedo Moraes Wichers, Manuelina Duarte e, atualmente, Vera Wilhelm.



A integração entre o Museu Antropológico e o Bacharelado em Museologia da UFG

Além das aulas práticas nas dependências do Museu, o Curso de Museologia organiza frequentes visitas técnicas das diferentes disciplinas aos seus diversos setores de trabalho, assim como de outros museus da cidade de Goiânia. O Museu e o Curso costumam planejar e executar conjuntamente sua apresentação no Espaço das Profissões, evento semestral que abre a Universidade para os alunos do ensino médio conhecerem as diferentes opções profissionais. Assim foi, em 2016, quando realizaram este encontro – uma exposição de acervos indígenas e registros fotográficos – com os estudantes no Núcleo Takinahaky, também conhecido como Oca, construído especialmente pela UFG para o funcionamento da Licenciatura Intercultural Indígena.

Fig. 5 – Espaço das Profissões 2016 - Exposição organizada pelo Museu Antropológico e pelo Curso de Museologia no Espaço Takinahaky



Fotografia: Facebook do Museu Antropológico



No início de cada ano letivo, o Museu e o Curso fazem juntos o seu planejamento, o que permite, além da organização de programações todos os anos para a Semana Nacional de Museus (em maio) e Primavera de Museus (em setembro), o apoio fundamental do Museu à criação e manutenção da Rede de Educadores em Museus de Goiás⁷, uma iniciativa surgida entre professores e alunos do Curso cuja realização se dá por meio de diversos projetos conjuntos. Sem a intenção de uma listagem exaustiva, mas com o objetivo de registrar minimamente uma memória desta dinâmica que é tão célere quanto difícil de evitar que algumas informações se percam, apresentaremos esses projetos.

Desde 2010 o Museu Antropológico abriga ainda o NEAP - Núcleo de Estudos de Antropologia, Patrimônio, Memória e Expressões Museais. O NEAP é “um grupo de estudos e de pesquisas na área da antropologia com ênfase nos temas do patrimônio cultural, memória e museus, que tem por objetivo concatenar projetos de pesquisas e atividades acadêmicas de professores e técnico-administrativos da Faculdade de Ciências Sociais e do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.” Ele é formado, desde a sua fundação, também por docentes e discentes do Curso de Museologia, envolvidos em diferentes projetos de pesquisa. A seguir, a relação dos projetos desenvolvidos nessa parceria:

Projeto de *Tratamento técnico e disponibilização do acervo iconográfico e documental do Museu Antropológico*. Desenvolvido sob a coordenação da professora Vânia Dolores Estevam de Oliveira, que se ocupou do acervo audiovisual de cultura popular. Além de pesquisar e trazer novas teorias e técnicas aplicadas ao tratamento da informação em acervo documental, o projeto deu o tratamento técnico documental adequado e digitalizou parte desse acervo, para torná-lo acessível.

A professora também coordenou a Revisão do Inventário do Acervo do Museu, feita integralmente com a ajuda de voluntários discentes e docentes do Curso de Museologia, e dos funcionários da Instituição.

Como já foi assinalado, museu e curso concebem e realizam conjuntamente as atividades da Semana Nacional de Museus e Primavera de Museus, todos os anos. Além dos professores do curso participarem ativamente de outras programações do Museu, que incluem palestras nacionais e internacionais, tem ainda a atividade regular denominada Cinema no Museu, que apresenta e debate um filme nas sextas-feiras

7 O apoio à manutenção da Rede ocorre por meio de um projeto de extensão do curso de Museologia existente desde 2010, do qual participam professores e alunos voluntários, eventualmente, com algumas bolsas de extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG.



à tarde. Em todas as programações prioriza-se o planejamento e a execução casada, preferencialmente no período noturno, para atender ao horário das aulas e permitir a participação dos discentes que trabalham durante o dia.

Fig. 6 – Palestra de Peter van Mensch e Léontine Meijer-van Mensch promovida pelo Curso de Museologia no Museu Antropológico da UFG em agosto de 2013, com tradução consecutiva pelo servidor Marcelo Rizzo



Fotografia: Arquivo Manuelina Duarte

Uma destas atividades da Semana Nacional de Museus será destacada, pois foi aquela que mais envolveu as equipes do Museu e do Curso e resultou em uma exposição intitulada “Ocupe o Museu (com) Memórias de Goiânia”. A ideia foi elaborada em reuniões conjuntas da equipe do MA com o Curso de Museologia, para pensar a programação da Semana de Museus de 2012. Foram levantadas diversas possibilidades, sobressaindo a proposta de interlocução com o chamado não público, isto é, aqueles que não frequentam o Museu. Inspirados pela proximidade de atividades denominadas *Occupy Wall Street*, ocorridas nos Estados Unidos da América, definiu-se



pela ocupação do MA em vários sentidos, a começar pela elaboração conjunta de uma exposição, na qual a equipe do Museu garantisse o apoio técnico e metodológico para a realização de uma proposta cuja concepção fosse construída por pessoas de fora (DUARTE CÂNDIDO e LIMA, 2014).

Pessoas frequentadoras da praça defronte ao Museu, transeuntes, vizinhos e usuários da parada de ônibus próxima ao prédio foram abordados pessoalmente pela equipe do projeto, inclusive aos domingos, dia de feira na praça. O primeiro convite foi para uma conversa sobre a proposta, à qual compareceram estudantes, donas de casa, aposentados, *designers*, um fotógrafo e um vigilante do Museu. Ao longo de dois meses houve atividades de sensibilização com visita à exposição de longa duração e conversas e, aos poucos, a ideia inicial de escolha na reserva técnica de peças não expostas para uma nova exposição se transfigurou, com o interesse do grupo em expor objetos de suas memórias que aos poucos foram sendo trazidos para as reuniões: uma chaleira de ferro, uma máquina de costura, uma garrafa descartável de água mineral, moldes de bordados e fotografias.

Foi feito então um exercício de “costura” dessas memórias e objetos em uma proposta de narrativa expográfica que gerou a formulação do título da exposição para “Ocupe o Museu (com) Memórias de Goiânia”, pois a cidade acabou por ser o pano de fundo que conectava todas as ideias e propostas em diálogo. E o argumento reuniu memórias registradas em um vídeo documentário, além de uma seleção de trechos de poesia e literatura regionais que tratavam da cidade, seus rios e seus tempos (*idem*).

A abertura da exposição mostrou o acerto da proposta com intensa participação das equipes do Museu e do Curso de Museologia mas, especialmente, de membros da comunidade que usualmente não frequentavam o museu, trazendo toda sua família e dando depoimentos emocionados sobre a experiência.



Fig. 7 e 8 – Público na exposição Ocupe o Museu (com) Memórias de Goiânia



Fotografia: Manuelina Duarte



Também foi realizada uma experiência, ao longo de um semestre letivo, de abrir o Museu à noite, sob responsabilidade dos alunos e da professora da disciplina de Comunicação Patrimonial III, uma disciplina do Curso de Museologia que envolve práticas em educação não formal. A experiência, denominada “Ocupe o Museu Também à Noite”, integrou o programa previsto de formulação de atividades de mediação com a prática, propiciando aos alunos uma experiência não simulada, de atendimento real ao público do museu e, à instituição, o atendimento a uma “demanda reprimida”, de grupos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de cursos superiores que funcionam à noite e não conseguiam atendimento em seu horário de aula por não ser o do funcionamento do Museu⁸.

Com coordenação da professora Manuelina Duarte, esta atividade permitiu atender diferentes grupos agendados pela equipe da Coordenação de Intercâmbio Cultural do Museu, por meio da divulgação, no *site* do Museu, das datas em que seria feito o atendimento noturno, e contatos da Coordenação com professores e instituições que haviam formado uma espécie de lista de espera para este horário. Os alunos vivenciaram então o atendimento de grupos diversos, a maior parte dos quais não conhecia o Museu anteriormente, além de passar pelas situações reais que podem ocorrer nesses casos: atraso do grupo, maior ou menor interesse, maior ou menor preparação do grupo antes da visita, ou até mesmo a ausência do grupo sem aviso prévio. Em uma avaliação ao final da disciplina, os alunos de Museologia demonstraram, apesar das dificuldades, que foi enriquecedor fazer os atendimentos com público real, ao invés de somente planejar ou simular o atendimento entre colegas.

Momento atual e próximos passos

Afora todas as atividades conjuntas já mencionadas, o Museu Antropológico foi o grande apoiador da criação da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás) por iniciativa de alunos e professores do curso de Museologia, e suporte para sua manutenção, de 2010 até os dias atuais. Além de permitir à Rede, que é constituída somente por voluntários e não tem personalidade jurídica, ter um espaço de apoio onde guardar seus documentos e materiais (espaço este que inicialmente era composto de gavetas e uma parte de um armário na Coordenação de Intercâmbio Cultural, e atualmente é uma sala exclusiva para a Rede, inclusive com computador),

8 Além de não conseguir atender a essas demandas o Museu também não funciona nos finais de semana, devido aos recursos humanos muito limitados.



o Museu sempre cedeu seu pessoal para apoio no momento da realização dos seminários da REM-Goiás, alguns dos quais ocorreram em suas dependências e, quando possível, apoiou também com passagens e hospedagem para palestrantes, entre outras parcerias. Ao mesmo tempo, a Rede contribui para dinamizar a programação do Museu e reforçá-lo como referência no estado de Goiás.

A atuação da REM-Goiás não será detalhada neste texto, mas pode ser vista em artigos, trabalhos de conclusão de curso de alunos da Museologia, e especialmente em um livro publicado recentemente (SÁ e MORAES WICHERS, 2016), disponível *online*. Vale registrar que pelo menos seis professores do curso de Museologia já se envolveram com a Rede seja em sua coordenação direta ou do projeto de extensão que a mantém, elaboração de sua identidade visual e outros fatores, e que todos, em algum momento, participaram como palestrantes, coordenadores de mesas e outras atividades. Além disso, o corpo docente como um todo prioriza o seminário anual da REM-Goiás que vai para a décima edição em 2019 em seu planejamento de aulas, levando os alunos para participar da programação.

Algumas das atividades mais importantes realizadas em parceria entre o Museu e o Curso foram:

- A realização de uma consulta pública do Museu Antropológico intitulada “Que Museu queremos”, em 2014, com o concurso de professores e alunos do Curso, dando início à discussão do seu Plano Museológico Participativo.



Fig. 9 – Convite do Museu Antropológico em conjunto com o Bacharelado em Museologia, para participação na consulta pública para o Plano Museológico da instituição

Fotografia: Facebook do Museu Antropológico



A publicação há bastante tempo planejada, de um primeiro volume com tradução de textos estrangeiros de interesse para uso nos cursos de Museologia, para o português. Com apoio do Museu Antropológico, por iniciativa da professora Manuelina Duarte e outra integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Museologia e Interdisciplinaridade, GEMINTER, Carolina Ruoso, foi organizado um conjunto de textos em francês e um grupo de voluntários para a tradução, após o que uma parceria com o Museu do Homem do Nordeste, permitiu agilizar a publicação pela Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco do livro *Museus e Patrimônio Experiências e Devires* (DUARTE CÂNDIDO e RUOSO, 2015). Na sequência há outro livro de traduções em preparação, agora de textos originalmente em holandês e inglês, também com apoio do Museu Antropológico.

- A elaboração e execução de diversos exemplares da Mala Arqueológica, iniciativa da professora Camila Moraes Wichers, com material do Laboratório de Arqueologia do Museu que não era proveniente de pesquisas arqueológicas sistemáticas e se encontrava descontextualizado, com pouca perspectiva de chegar a uma exposição, mas agora também inserido na comunicação museológica por meio destes *kits* didáticos que são usados em atendimento a grupos no Museu e em outros espaços. Professores do Curso juntamente com a equipe do Museu poderão ampliar a ação em torno desta iniciativa com os recursos oriundos do prêmio de um edital estadual que aprovou um projeto elaborado conjuntamente.

- A realização das exposições curriculares “Mulheres no Sertão Goiano: Violências, Educação, Ofícios e Direitos” no 1º semestre de 2016, “Transas no Ser-Tão” no 1º semestre de 2017 e “É verdade? Uma expo-reflexão sobre fake news” no 1º semestre de 2018. Essas exposições são elaboradas e executadas por alunos do Curso de Museologia como parte das disciplinas práticas do curso, especificamente na disciplina Comunicação Patrimonial IV. Inicialmente foram realizadas no Museu Antropológico mas também em outras instituições da cidade de Goiânia. A partir do plano museológico do Museu Antropológico, em 2017, elas passaram a ser previstas como atividades regulares do Museu e prioridade no calendário da sala de exposições temporárias da instituição. Para tal, tem tido total apoio de todos os diretores do Museu, professora Nei Clara de Lima (2006-2013), Professora Dilamar Cândida Martins (2014-2017) e Professor Manuel Ferreira Lima Filho (2018).



Fig. 10 – Exposição “Mulheres no Sertão Goiano: Violências, Educação, Ofícios e Direitos”, 2016.



Fotografia Facebook do Museu Antropológico

O Museu Antropológico também é um espaço prioritário para o desenvolvimento de pesquisas dos docentes do curso de Museologia, especialmente aqueles que têm em vista a experimentação da Museologia como disciplina aplicada. Podemos mencionar o projeto *Rio Araguaia: lugar de memórias e identidades*, coordenado pela Professora Camila Moraes Wichers, mas também o projeto *Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais*, coordenado pelas autoras deste texto, que inclusive se organiza em uma sala cedida pelo Museu. Ali também ocorrem encontros de outras linhas e projetos de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Museologia e Interdisciplinaridade (GEMINTER), coordenado pela profa. Manuelina Duarte, principalmente as reuniões do grupo de estudos ligado ao projeto *Os sentidos, os tempos e os destinos das coisas: abordagens interdisciplinares sobre cultura material*. As equipes dos projetos mencionados são eminentemente interdisciplinares e envolvem discentes e docentes de Museologia e de outras áreas, técnicos do Museu Antropológico e agentes externos à universidade.



Considerações finais

À guisa de conclusão, podemos afirmar que o papel do Museu Antropológico foi fundamental não só no momento de concepção inicial do Curso de Museologia e em sua estruturação – especialmente por se propor e atuar como principal laboratório do Curso, espaço privilegiado para suas aulas práticas –, mas também como apoio constante em todas as iniciativas dos corpos discente e docente.

Ao mesmo tempo, o curso tem um papel de fortalecimento do Museu em vários sentidos, não só na dinamização da programação. O Museu é hoje o principal local de estágios obrigatórios e não obrigatórios dos alunos de Museologia, que se beneficiam com o aprendizado na prática, e levam para o Museu uma importante renovação, além de apoio na ampliação da capacidade de trabalho. Afora isso, em relação aos recursos do REUNI para aparelhamento de laboratórios dos novos cursos, houve a decisão, desde o momento de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso, de que não seriam criados laboratórios específicos de Museologia no *Campus* Samambaia (Campus II da UFG, em que funciona a Faculdade de Ciências Sociais da UFG, da qual o curso de Museologia faz parte), mas seriam adquiridos novos equipamentos para laboratórios do Museu (como o de Conservação) ou montados novos laboratórios, como é o caso do de Expografia.

O vínculo indissolúvel e a apropriação do Museu pelos alunos de Museologia ficaram ainda mais consistentes no segundo semestre de 2016, quando das lutas estudantis na resistência contra a PEC-55 que congelou por 20 anos os investimentos sociais no Brasil. A UFG, juntamente com muitas outras universidades e escolas brasileiras foi ocupada pelos alunos como estratégia para resistir e chamar a atenção da população e da mídia, paralisando as aulas e realizando toda uma programação alternativa baseada especialmente na discussão da PEC e seus impactos. Os alunos da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da UFG, foram dos mais ativos na ocupação e, por decisão dos alunos de Museologia, o espaço que eles decidiram ocupar, onde resistiram, foi o Museu. Assim, a Faculdade acabou sendo agente de duas ocupações, sendo o prédio da FCS e Filosofia, no *Campus* Samambaia (Campus II da UFG) ocupado por alunos dos cursos de Ciências Sociais e Filosofia, e o prédio do Museu, no *Campus* I, pelos alunos de Museologia.

Acreditamos que esta é uma experiência bem-sucedida de parceria entre um museu universitário e um Curso de Museologia, e na importância dos alunos terem, em sua formação, a possibilidade desta vivência quase que cotidiana com a realidade dos processos de musealização. Embora não haja fórmulas de como serão essas práticas, consideramos importante que a universidade que se dispõe a manter um curso de



Museologia proporcione essa vivência dos alunos, seja com instituições e seus acervos, seja com os processos de musealização que acontecem de maneira mais dinâmica e pensando outras referências patrimoniais, mas que estas experiências possam ser continuadas e não apenas pontuais.

Referências

ALVES, Marcos Francisco. Caminhos da Pesquisa Museológica no Brasil. Temas e tendências nos Trabalhos de Conclusão de Curso (2008-2014)". Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia FCS/UFG).

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; LIMA, Nei Clara de. "Ocupe o museu (com) memórias de Goiânia: O público como construtor de conteúdos". In: Revista MIDAS – Museus e estudos interdisciplinares. V. 3, 2014. Varia e dossier temático: "Museos y participación biográfica". p. 1 a 12. Disponível online em <http://midas.revues.org/505>
Duarte Cândido, Manuelina Maria e RUOSO, Carolina (orgs.). Museus e patrimônio: experiências e devires. Recife: Editora Massangana, 2015.

LIMA, Nei Clara; OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de. "Museu Antropológico e Curso de Museologia da UFG: relato de experiências de integração para alcançar o público da cidade de Goiânia, Goiás, Brasil". In: III Encuentro de Museos Universitarios del Mercosul, Anais. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2012.

LIMA, Nei Clara; SOUZA, Maria Luiza Rodrigues, LAZARIN, Marco Antonio; DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Um curso de Museologia para Goiás: Bacharelado em Museologia da UFG. In: Anais do I Congresso Internacional de Museologia: sociedade e desenvolvimento. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

SÁ, Aluane de; MORAES WICHES, Camila Azevedo de (orgs.). Arte, museus e acessibilidade: reflexões da Rede de Educadores em Museus de Goiás. Goiânia: s. ed., 2016.



GALERIA DE FOTOS DO I ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Fotografias: Yasodara Lemos





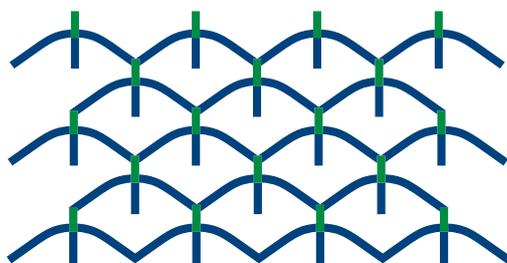








MUSEUS & MUSEOLOGIA



DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

MONIQUE BATISTA MAGALDI
CLOVIS CARVALHO BRITTO

Organizadores

Brasília

UNB-CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018

A pesquisa como uma das funções básicas dos museus, os museus como fontes e espaços privilegiados para a pesquisa e a Museologia como campo do saber que reflete sobre as implicações dos processos museológicos são o *leitmotiv* desta publicação.

Este livro reúne textos resultantes de pesquisas no campo dos museus e da Museologia apresentados pelos palestrantes ou elaborados pela comissão científica e organizadora do **I Encontro de Museologia da Universidade de Brasília** ocorrido entre os dias 8 e 10 de outubro de 2018. Ele consiste no registro de um significativo momento de reflexão que envolveu pesquisadores de diversas instituições brasileiras e no estímulo para novos trabalhos conforme destacado no subtema do evento: “desafios para um campo interdisciplinar”.

